"Três Palavrinhas" (3:24b-26)

Um antigo cântico infantil diz:

> Três palavrinhas só,
> Eu aprendi de cor:
> Deus é amor.
> Tralalá-lá-lá...

Nesta lição estudaremos o trecho de Romanos 3:21–26 onde constam "três palavrinhas" que falam do amor de Deus.

Essas "três palavrinhas" são analogias extraídas do tribunal de justiça, do mercado de escravos e do altar de sacrifício. Duas delas fazem parte da terminologia cristã há tanto tempo que nem pensamos nelas como figuras de linguagem: "justificação" e "redenção". A terceira palavra não é tão familiar: "propiciação". Sejamos honestos: o significado dessa terceira palavra é mesmo pouco conhecido, mas ela é altamente significativa.

Já comentamos sobre a palavra "justificação" na lição passada. Nesta lição estudaremos as palavras "redenção" e "propiciação" enquanto analisamos o versículo 26.

JUSTIÇA DISCUTIDA (3:24b, 25a)

Anteriormente, notamos que a justiça de Deus "se manifestou [tornou-se conhecida]... testemunhada pela lei e pelos profetas" (3:21). A "justiça" é o plano de Deus de considerar as pessoas justas, embora sejam injustas. Nós nos apropriamos dessa justiça "mediante a fé em Jesus Cristo"; ela é "para todos os que crêem" (3:22a). Todos são carentes dessa justiça: "porque não há distinção, pois todos pecaram e carecem da glória de Deus" (3:22b, 23). Aqueles que se apropriam da justiça de Deus são descritos como "sendo justificados gratuitamente, por Sua graça" (3:24a).

Redenção

Isto nos leva à segunda das três palavrinhas do amor de Deus: "redenção". Somos justificados pela graça "mediante a *redenção* que há em Jesus Cristo" (v. 24b; *grifo meu*).

A palavra traduzida por "redenção" (*apolutrosis*) é uma forma fortalecida da palavra para "resgate" (*lutrosis*), usada em várias formas para descrever a significação da morte de Cristo (veja Mateus 20:28; 1 Timóteo 2:6). *Apolutrosis* "era comumente usada em se tratando de pagar um resgate para libertar um prisioneiro de seus captores ou pagar o preço para libertar um escravo do seu senhor"[1]. Em Romanos 3:9 Paulo descreveu o pecado como um senhor cruel quando escreveu que "tanto judeus como gregos, estão debaixo [da autoridade e domínio] do pecado". Como a humanidade poderia libertar-se desse tirano? Cristo teve de nos "resgatar".

Alguns se lembram dos altíssimos preços de resgates que apareceram em manchetes de jornais[2]. Há familiares de vítimas que oferecem pequenas fortunas a quem der informações sobre o paradeiro de um filho seqüestrado. Por maior que seja o preço desses resgates eles nem chegam perto do preço que Jesus teve de pagar. No versículo 25, vemos que o preço do resgate foi o sangue de Jesus derramado na cruz.

Encontramos aqui a primeira ocorrência na carta dessa justificação associada ao sangue de Jesus, mas não será a última. Em 5:9 Paulo disse que fomos "justificados pelo seu sangue". Pedro também

---

[1]John MacArthur, *Romans 1–8*, The MacArthur New Testament Commentary. Chicago: Moody Press, 1991, pp. 208–09.

[2]Fritz Ridenour, ed., *Como Ser Cristão Sem Ser Religioso*. São Paulo: Ed. Mundo Cristão, 2007.

confirmou que "não foi mediante coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados... mas pelo precioso sangue, como de cordeiro sem defeito e sem mácula, o sangue de Cristo" (1 Pedro 1:18, 19). Há muitas maneiras de se entrar no pecado, mas só uma, de se sair dele: mediante o sangue de Jesus. O autor do Livro de Hebreus escreveu que "sem derramamento de sangue, não há remissão" (Hebreus 9:22). R. C. Bell escreveu: "A cor dominante na redenção é o vermelho [sangue]"[3].

Alguns repudiam a idéia de (como dizem eles) "uma religião sangrenta". Gostariam de tirar a palavra "sangue" dos hinários; ridicularizam grandes hinos antigos como "Só no Sangue" ou "Bendito Cordeiro". Obviamente estes não entendem que "o sangue de Jesus" é uma metonímia[4] para a morte de Jesus — pois Jesus levou sobre Si a culpa por nossos pecados. Todos estes outros termos, aplicados a Jesus, referem-se ao mesmo ato redentor: "sangue", "cruz", "crucificação", "sofrimento", "morte".

Essa redenção mediante o sangue é "*em* Cristo Jesus" (v. 24b; *grifo meu*). "Em Cristo" era uma das expressões favoritas de Paulo. (Ele a usou 169 vezes![5]) Refere-se ao relacionamento íntimo e próximo de um cristão com seu Senhor. Em Romanos 6:3, lemos que somos "batizados em Cristo Jesus".

Antes de encerrarmos esta análise da palavra "redenção", é necessário mencionar que, anos atrás, foi tema de debate entre os eruditos a questão: "A quem foi pago o resgate?" Via de regra, uma figura de linguagem é usada para esclarecer uma e não muitas idéias. Por exemplo, Jesus é "a porta" (João 10:9), mas isso não significa que Ele oscila preso a dobradiças. Perguntar "a quem foi pago o resgate?" é forçar demais o uso da figura. Quando dizemos que um atleta "sacrificou-se pelo bem do time", não questionamos: "A quem ele ofereceu seu sacrifício?" A idéia principal da analogia do resgate é que você e eu estávamos escravizados pelo pecado, sem possibilidade de nos libertar, e Jesus teve de morrer para nos garantir a liberdade!

Propiciação

O versículo 24 terminou com as palavras "Jesus Cristo". Paulo ainda estava se referindo a Jesus quando disse: "a quem Deus propôs[6]" (v. 25a).

> A crucificação foi uma demonstração pública do amor de Deus. Os "cultos de mistério" nos dias de Jesus dependiam do anonimato e sigilo, mas o evangelho não "se passou em algum lugar escondido" (Atos 26:26). Cristo empreendeu um ministério público (Lucas 2:31); Sua crucificação foi um ato oficial e público e o evangelho se espalhou por proclamação pública[7].

Isto nos leva à conhecida palavra que desafia nosso raciocínio, uma que vai direto ao núcleo de como Deus pode justificar os iníquos: a palavra "propiciação". Referindo-se a Cristo, Paulo disse: "a quem Deus propôs, no seu sangue, como *propiciação*, mediante a fé" (v. 25a; *grifo meu*). Na ERAB a palavra "propiciação" aparece nos seguintes textos:

> ...convinha que, em todas as coisas, se tornasse semelhante aos irmãos, para ser misericordioso e fiel sumo sacerdote nas coisas referentes a Deus e para fazer *propiciação* pelos pecados do povo (Hebreus 2:17; *grifo meu*).

> ...e ele é a *propiciação* pelos nossos pecados e não somente pelos nossos próprios, mas ainda pelos do mundo inteiro (1 João 2:2; *grifo meu*).

> Nisto consiste o amor: não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou e enviou o seu Filho como *propiciação* pelos nossos pecados (1 João 4:10; *grifo meu*).

"Propiciação" não é uma palavra popular em certos círculos religiosos. Uma razão por que alguns desejam eliminá-la do vocabulário religioso é que ela é desconhecida ao indivíduo comum[8]. Concordamos que é importante comunicar claramente aos que não estão familiarizados com a terminologia bíblica; não faz sentido transmitir uma mensagem intencionalmente dúbia. Entretanto, alguns termos teológicos são tão carregados de significado que não

---

[3]Citado em R. C. Bell, *Studies in Romans*. Austin, Tex.: Firm Foundation Publishing House, 1957, p. 31.

[4]Metonímia é uma figura de linguagem em que se substitui um nome por outro em virtude de haver entre eles alguma relação. Por exemplo, no Brasil quando se diz que "o Palácio da Alvorada" fez isto ou aquilo, a referência é ao presidente.

[5]John A. Mackay, *God's Order: The Ephesian Letter and This Present Time*. Nova York: Macmillan Co., 1953, p. 97.

[6]"Propôs" é a tradução de um termo composto (*protithimi*) que significa "estabelecer antes, estabelecer adiante, apresentar" (*tithimi*, "estabelecer" e *pro*, "antes"). W. E. Vine, Merrill F. Unger e William White Jr., *Dicionário Vine*. Trad. Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 7a. ed., 2007, p. 908.

[7]Adaptado de James R. Edwards, *Romans*, New International Biblical Commentary. Peabody, Mass.: Hendrickson Publishers, 1992, p. 104.

[8]Quando adentramos um novo campo de conhecimento temos de aprender alguns termos específicos. Por exemplo, ao aprender sobre agricultura, trânsito ou informática novas palavras são acrescentadas ao nosso vocabulário; o mesmo acontece em se tratando de religião.

podemos descartá-los. "Propiciação" é um desses termos.

Uma segunda razão por que "propiciação" é um termo desconhecido é que muitos se sentem desconfortáveis com o que está implícito nele: a necessidade de aplacar a ira de Deus. Na língua portuguesa "propiciação" é definida como o ato de propiciar, isto é, "tornar favorável... fazer aparecer inesperadamente"; só o termo "propiciatório" é descrito como "aquele ou aquilo que aplaca a ira divina, que torna Deus propício"[9]. A palavra grega traduzida por "propiciação" (*hilasterion*) era usada por pagãos referindo-se a "atos típicos de culto", como sacrifícios, que tinham "o objetivo de acalmar os deuses (cuja raiva é às vezes mero capricho)"[10]. Comentaristas e tradutores contestam afirmando que o Deus verdadeiro não pode (nem deve) ser igualado a deuses falsos do paganismo.

Eles salientam que a tradução grega do Antigo Testamento (a Septuaginta, ou LXX) usa com freqüência *hilasterion* com referencia "ao propiciatório" (o tampo da arca da aliança) — e que em Hebreus 9:5 hilasterion obviamente refere-se ao propiciatório. Este era o lugar onde, uma vez por ano, no Dia da Expiação, o sumo sacerdote aspergia o sangue de animais para expiar os pecados do povo (veja Hebreus 9:7; Levítico 16:14–16). Os contestadores insistem assim que "expiação" (ou algo semelhante) seria a melhor tradução de *hilasterion*.

A questão de *hilasterion* referir-se ou não ao propiciatório[11] parece um pouco irrelevante, uma vez que, como destacou Douglas J. Moo: "Uma leitura franca do Antigo Testamento esclarece que o ritual do Dia da Expiação incluía tanto remissão de pecados (expiação) como o banimento da ira de Deus (propiciação)"[12]. F. F. Bruce comentou:

> ...não há razão pela qual devamos excluir do sentido de hilasterion o afastamento da ira divina se o contexto permite isso. E o contexto permite a inclusão do afastamento da ira divina no significado de hilasterion em Romanos 3:25. Paulo já dissera em 1:18 que "a ira de Deus (`retribuição divina') se revela do céu contra toda impiedade e perversão dos homens". Então, como haverá de retirar-se essa "ira"? O hilasterion que Deus providenciou em Cristo não só retira a impiedade e injustiça dos homens, como também, ao mesmo tempo, afasta a ira ou retribuição que é o resultado inevitável dessas atitudes e ações num universo moral.[13]

E quanto à objeção de que o uso da palavra "propiciação" nivela Deus com deuses pagãos? John Stott salientou que "seria difícil exagerar no que diz respeito às diferenças entre a visão cristã e a?? pagã de propiciação"[14].

- As tentativas da propiciação pagã ocorriam porque seus deuses eram "mau-humorados, temperamentais e caprichosos". A visão cristã é que "a ira santa de Deus recai sobre o mal. Não há nada sem fundamento, imprevisível ou descontrolado em relação à raiva de Deus; ela só é despertada pelo mal".
- No paganismo, cabia aos humanos tentar apaziguar seus deuses. Os cristãos entendem que pessoas pecaminosas são incapazes de apaziguar a ira de Deus. O próprio Deus teve de tomar a iniciativa.
- Os sacrifícios pagãos consistiam de ofertas de vegetais, animais e (às vezes) sacrifícios humanos — que poderiam ou não apaziguar seus deuses. O meio pelo qual se dá a nossa propiciação é o sacrifício do próprio Filho de Deus — o que, sem dúvida, aplaca a ira de Deus![15]

Uma última contestação poderia ser considerada. Alguém pode dizer: "É um absurdo pensar em Deus oferecendo um sacrifício para apaziguar a Si mesmo". Uma resposta simples seria que a ira de Deus contra o homem pecador (1:18) tinha de ser aplacada, ou não haveria esperança de salvação. Todavia, homens e mulheres pecadores nada têm a oferecer para apaziguar essa ira (3:10, 23). Nesse caso, quem poderia oferecer o sacrifício se não o próprio Deus?

Qual foi o sacrifício? O versículo 25 afirma: "a quem [referindo-se a Cristo] Deus propôs, no *seu*

---

[9] *Novo Dicionário Aurélio*, 2a. ed. rev. e ampliada.. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

[10] F. Buschel, "*hilasterion*", em Geoffrey W. Bromiley, *Theological Dictionary of the New Testament*, ed. Gerhard Kittel e Gerhard Friedrich, trad. Geoffrey W. Bromiley, abr. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1985, p. 364.

[11] Veja uma exposição sobre isto em John R. W. Stott, *A Mensagem de Romanos*. Trad. Silêda e Marcio D. S. Steuernagel. Série A Bíblia Fala Hoje. São Paulo: ABU Editora, 2000, p. 129.

[12] Douglas J. Moo, *Romans*, The NIV Application Commentary. Grand Rapids, Mich.: Zondervan Publishing House, 2000, p. 133.

[13] F. F. Bruce, *Romanos — Introdução e Comentário*. Trad. Odayr Olivetti. Série Cultura Bíblica. São Paulo: Edições Vida Nova & Editora Mundo Cristão, 3a. ed., 1983, p. 87.

[14] Stott, p. 131.

[15] Esta seção foi adaptada de Stott, 131.

sangue" (*grifo meu*). Jesus tinha de derramar o Seu sangue na cruz.

Como poderíamos resumir o ensino bíblico sobre propiciação? Deus é um Deus santo (Levítico 11:44); sendo santo, Ele não pode tolerar o pecado. Deus é um Deus justo; sendo um "Deus de justiça" (Isaías 30:18), Ele precisa castigar o pecado e a desobediência. Sendo um Deus de santidade e justiça, Ele tem todo direito de mandar a humanidade pecadora para um inferno eterno. A justiça precisa ser demonstrada; o pecado precisa ser castigado; a ira de Deus contra o mal precisa ser aplacada. Ao mesmo tempo, Deus é um Deus de amor (1 João 4:16) e, sendo um Deus de amor, Ele não deseja que ninguém pereça (2 Pedro 3:9). Qual foi a solução de Deus para este aparente dilema impossível? Ele mandou Seu próprio Filho levar o castigo por nossos pecados.

> Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo caminho, mas o Senhor fez cair sobre ele a iniqüidade de nós todos (Isaías 53:6).
>
> ...Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras (1 Coríntios 15:3).

Esta solução está subentendida na expressão "em Seu sangue" e é ampliada no capítulo 5:

> Porque Cristo, quando nós ainda éramos fracos, morreu a seu tempo pelos ímpios. Dificilmente, alguém morreria por um justo; pois poderá ser que pelo bom alguém se anime a morrer. Mas Deus prova o seu próprio amor para conosco pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores. Logo, muito mais agora, sendo justificados pelo seu sangue, seremos por ele salvos da ira (vv. 6–9).

Novamente, no capítulo 8, Paulo afirmou que Deus "não poupou o seu próprio Filho, antes, por todos nós o entregou" (v. 32).

Através dos anos, pregadores têm se esforçado para ilustrar como Deus poderia, ao mesmo tempo, expressar Sua justiça e Seu amor[16]. Certa história fala de um cacique sábio e forte:

> Ele governava não somente por causa de sua força física superior, mas por causa de sua absoluta justiça e imparcialidade. Assim que começaram a ocorrer vários roubos naquela comunidade, o cacique proclamou que, se o ladrão fosse capturado, ele seria punido com dez chibatadas do acoitador da tribo. À medida que os roubos continuavam, [o chefe] aumentava progressivamente o número de chibatadas até quarenta, um castigo que todos sabiam que somente alguém muito forte poderia suportar. Para horror deles, descobriu-se que o ladrão era ninguém mais que a idosa mãe do cacique. Imediatamente, começaram a especular se ele iria ou não aplicar a sentença que anunciara. Ele atenderia ao seu amor desculpando-a ou atenderia à lei sentenciando-a ao que certamente resultaria na morte dela? Fiel à sua integridade, o cacique sentenciou a mãe às quarenta chibatadas. Porém, também fiel ao seu amor pela mãe, pouco antes do chicote descer sobre as costas dela, ele cobriu o frágil corpo dela com seu próprio corpo, levando sobre si o castigo que ele mesmo havia prescrito.[17]

Evidentemente, nenhuma ilustração é adequada para expressar o que Deus fez por nós. Temos de nos contentar com o conhecimento de que a palavra "propiciação" declara que o sacrifício de Jesus de fato atendeu, aplacou a ira e, conseqüentemente, possibilitou nossa salvação.

Como aceitamos este tremendo presente? Mais uma vez, Paulo enfatizou que fazemos isso "mediante a fé": "A quem Deus propôs ["mostrou publicamente"], no seu sangue, como propiciação, mediante *a fé*..." (Romanos 3:25; *grifo meu*).

JUSTIÇA DEFENDIDA
(3:25b, c, 26)

Na última parte do versículo 25 e no versículo 26, voltamos ao paradoxo de como o Justo (um Deus santo) pode declarar como "justos" aqueles que são injustos (seres humanos ímpios). Entendamos que Cristo foi mostrado publicamente como propiciação, aplacando a ira de Deus e, ao mesmo tempo, demonstrando a justiça de Deus.

Justiça Demonstrada

Nesta passagem a "justiça" de Deus refere-se à Sua natureza justa. "Manifestar" vem de endeixis, um termo composto que significa "exibição, mostra", "prova"[18]. Tamanha declaração pública era para o benefício de qualquer um que tivesse a ousadia de colocar Deus em julgamento (veja 3:4b).

---

[16] Conta-se uma história clássica de Licurgo, um rei antigo de Esparta, cujo filho transgrediu uma lei do país. A pena para o infrator era a cegueira.O príncipe ficou cego de apenas um dos olhos, pois o rei deu um de seus próprios olhos para livrar o filho de todo o castigo da lei (James Burton Coffman, *Commentary on Romans*. Austin, Tex.: Firm Foundation Publishing House, 1973, p. 134). Esta ou outra história à sua escolha pode ser contada aos seus ouvintes.

[17] MacArthur, pp. 117–18.

[18] *En* ("em") mais *deiknumi* ("mostrar"). Vine, p. 538.

Por que foi necessária essa demonstração? Paulo afirmou: "por ter Deus, na sua tolerância, deixado impunes os pecados anteriormente cometidos" (v. 25c). "Os pecados anteriormente cometidos" são pecados cometidos durante a era do Antigo Testamento[19]. Observe que a passagem não diz que Deus havia se esquecido desses pecados, mas o texto diz que ele os "deixou impunes" (compare com Atos 17:30).

Paulo estabeleceu que "*todos* pecaram", que *todos* "estão destituídos da glória de Deus" (3:23; ERC; *grifo meu*). Isto, necessariamente, incluía Abraão e Davi (veja o capítulo 4), e outros personagens notáveis do Antigo Testamento. Vez após vez no Antigo Testamento, Deus disse aos juízes israelitas que eles precisavam justificar os justos e condenar os ímpios (veja Deuteronômio 25:1); Ele os castigava quando faziam o contrário (veja Provérbios 17:15; Isaías 5:23). Em relação à sua própria justiça, Ele disse: "... *não* justificarei o ímpio"(Êxodo 23:7; *grifo meu*). Nesse caso, como Deus poderia ignorar os pecados de Abraão, Davi e outros? Emprestando a terminologia do próximo capítulo de Romanos, como um Deus justo poderia ser chamado de "Aquele que justifica o ímpio" (4:5)?

A resposta consiste em que, nos tempos do Antigo Testamento, Deus não estava ignorando "os pecados... cometidos" por aqueles que confiavam nEle. Em vez disso, Ele estava prevendo que Seu Filho um dia daria o Seu sangue "como propiciação" pelos pecados — os pecados dos crentes que viveram antes de Jesus nascer e também dos que viveriam após a Sua morte. O Antigo Testamento fala de perdão (por exemplo, veja Êxodo 34:7; Levítico 4:20, 26, 31, 35); mas era um perdão provisório, dependente da morte de Jesus na cruz. O autor do Livro de Hebreus escreveu que "a morte [de Jesus]" ocorreu "para remissão das transgressões que havia sob a primeira aliança [o Antigo Testamento]" (Hebreus 9:15; *grifo meu*). Esta verdade tem sido às vezes expressa nestes termos: "Quando Jesus morreu na cruz, Seu sangue não só fluiu para frente (até os que viveram depois da cruz), mas também fluiu para trás (até os que viveram antes dela)".

Poderíamos tentar explicar como Deus lidou com o pecado na época do Antigo Testamento de uma série de maneiras. Por exemplo, suponhamos que você esteja comendo com sua família num restaurante. Quando você pede a conta ao garçom, ele aponta para amigos seus sentados do outro lado do recinto e diz: "Sua conta foi transferida para outra mesa, a pedido deles". De fato, a conta só seria paga mais tarde (quando meu amigo pagasse a conta dele e a minha); mas o garçom estava certo de que ela seria paga, por isso ele a considerou "paga".

Talvez uma explicação mais exata fosse enfatizar que Deus não olha para o tempo — a cronologia dos fatos — da mesma forma que nós (veja 2 Pedro 3:8). Do ponto de vista de Deus, mesmo antes da criação, a crucificação de Seu Filho já era um fato consumado (veja Gênesis 3:15; Efésios 3:11). Comentaremos isto mais detalhadamente quando chegarmos a Romanos 8 e explorarmos o conceito da pré-ciência de Deus. D. Stuart Briscoe deu esta descrição da perspectiva de Deus sobre cronologia:

> ...na maneira divina de ver as coisas, os fatos não acontecem na seqüência que acontecem no tempo, mas eles existem num estado de sempre-agora porque eles existem na eternidade... [A] cruz de Cristo, enquanto um acontecimento no tempo e no espaço, é essencialmente um evento eterno que é sempre relevante e eficaz.[20]

Obviamente, Jesus não morreu somente por quem viveu antes da cruz; Ele também morreu por quem viveu e está vivendo após a Sua morte. Por isso Paulo continuou: "tendo em vista a manifestação da sua justiça no tempo presente" (v. 26a). Como devemos ser agradecidos por esse sangue ainda purificar o pecado "no tempo presente"!

JUSTIÇA DEFINIDA

Isto nos leva à frase sintética: "para ele mesmo ser justo e o justificador daquele que tem fé em Jesus" (v. 26b). John Bengel disse que encontramos nestas palavras "o supremo paradoxo do evangelho"[21]. Como Deus pode ser "justo (punindo o pecado) e também "o justificador" (salvando pecadores)? Como já vimos, a cruz possibilita isto. James R. Edwards escreveu: "A cruz de Cristo expressou adequadamente tanto a justiça como o amor de Deus sem comprometer nenhum deles"[22]. John MacArthur concluiu: "Por causa da justiça [de

[19] Alguns pensam que "os pecados anteriormente cometidos" referem-se aos pecados cometidos por indivíduos antes de se tornarem cristãos. Todavia, nesta passagem, o contraste parece ser entre antes (de Cristo) e *agora* (após a vinda de Cristo).

[20] D. Stuart Briscoe, *Mastering the New Testament: Romans*, The Communicator's Commentary Series. Dallas: Word Publishing, 1982, p. 94.

[21] Citado em William Barclay, *The Letter to the Romans*, ed. rev., The Daily Study Bible Series. Filadélfia: Westminster Press, 1975, p. 59.

[22] Edwards, p. 106.

Deus], nenhum pecado jamais ficará impune; embora, por causa da Sua graça, nenhum pecado está além do perdão"[23].

Que verdade maravilhosa: Jesus morreu para levar o castigo pelo pecado sobre Si mesmo! Isto nos deixa com esta pergunta: se Jesus morreu por todas as pessoas (e Ele morreu; veja Romanos 6:10; 1 Pedro 3:18), então por que nem todos são salvos? Porque o presente da salvação pode ser aceito ou rejeitado. O texto bíblico desta lição conclui com a verdade de que Deus é o justificador "daquele que tem fé em Jesus" (Romanos 3:26c; *grifo meu*).

Novamente enfatizo que a fé que salva não é uma mera aceitação mental, nem uma fé morta (veja Tiago 2:26); mas é uma fé obediente, ativa e viva (veja Romanos 1:5; 16:26). Consideremos esta afirmação feita por MacArthur:

> A fé que salva em Jesus Cristo, ensinada no Novo Testamento, é muito mais do que uma simples confirmação de certas verdades acerca dEle. Até os demônios reconhecem muitos fatos relacionados a Ele [veja Marcos 5:7; Atos 16:17]...
>
> A fé que salva é a mobilização de uma pessoa totalmente em submissão ao Senhor Jesus Cristo...[24]

Ao mesmo tempo, podemos novamente destacar que essa fé é, acima de tudo, fé. Pode haver muitas coisas que eu não posso fazer, mas eu posso crer — e você também. Isto significa que a redenção de Deus está disponível a todos!

[23] MacArthur, p. 218.
[24] Ibid., p. 205.

CONCLUSÃO

Paulo estava quase pronto para dirigir-se à importância da fé dentro do plano de Deus (Romanos 4), mas primeiro ele tornou a antecipar possíveis objeções da parte dos judeus (Romanos 3:27–31). Comentaremos os últimos versículos do capítulo 3 na próxima lição.

Esta lição e a anterior discorreram acerca de "três palavrinhas" que ocupam o núcleo do plano de Deus para salvar a humanidade: "justificação", "redenção" e "propiciação". Comentamos alguns conceitos teológicos difíceis, especialmente os relativos à propiciação. É necessário entendermos bem essas questões para sermos salvos? Não mais do que é necessário para mim entender exatamente como uma fechadura funciona para eu abrir a porta da minha casa. Não entendo o mecanismo da fechadura, mas sei como inserir a chave certa na fechadura e abrir a porta. A "chave" para a nossa salvação é entender que Jesus morreu por nossos pecados, e confiar nEle e no Seu sacrifício. Se você ainda não deu a sua vida a Ele, oramos para que você creia e submeta-se ao Senhor (Atos 2:36–38, 41, 47) — hoje!

NOTA PARA PREGADORES E PROFESSORES

Se quiser, junte a lição anterior com esta, enfocando os conceitos das "três palavrinhas".

Autor: David Roper
©Copyright 2008 by A Verdade para Hoje
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS